
A construção da narrativa midiática da maternidade no esporte no veículo GE: uma análise com visualização de dados¹

Laura MARTINS²

Emilly BRITO³

Soraya BARRETO⁴

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este artigo tem como proposta investigar a interseção entre a carreira de atletas de alto rendimento e a maternidade, bem como identificar as principais problemáticas englobadas na temática. Para isso, optamos pela análise da narrativa midiática sobre mães atletas em matérias publicadas no veículo GE - Globo Esporte, principal portal esportivo do Brasil, entre 2020 e 2024. Com o uso de práticas do jornalismo de dados, os resultados foram expostos em gráficos produzidos na ferramenta *DataWrapper* e apontam para uma cobertura incipiente, sazonal e focalizada em alguns esportes.

PALAVRAS-CHAVE: maternidade; esporte; mães; atletas; mídia.

Introdução

Nos últimos anos, é observado o aumento da visibilidade midiática sobre atletas-mães. Em períodos anteriores, o tema recebia-se pouca ou nenhuma atenção – reflexo da escassa cobertura sobre as mulheres nos esportes em geral –, dentro de um contexto no qual as mulheres esportistas eram vistas somente sob uma ótica da objetificação e sexualização, no papel de musas ou torcedoras embelezadoras (Vimieiro et. al., 2020). Apesar da evolução, a cobertura sobre a temática, entretanto, segue longe do ideal. Diante da iminente e relevante discussão, este estudo tem como objetivo investigar a construção da narrativa midiática da maternidade no esporte, bem como identificar suas principais temáticas a partir de matérias do Globo Esporte, veículo esportivo com maior visibilidade no país.

À vista disso, é imperioso perceber, inicialmente, o cenário dos estereótipos de gênero na sociedade, que não pode ser dissociado da história das mulheres no esporte. Como é

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo do DCOM-UFPE, e-mail: laura.fmartins@ufpe.br

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo do DCOM-UFPE, e-mail: emilly.brito@ufpe.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do DCOM-UFPE, e-mail: soraya.barreto@ufpe.br

evidenciado através deste trecho do decreto-lei nº 3.199⁵, datado de 14 de abril de 1941, que proibiu, por mais de quatro décadas, a prática esportiva para o público feminino no Brasil: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Mesmo quando as incluiu, o preconceito e a preocupação misógina com a feminilidade enfatizada (Connell; Messerschmidt, 2013) e a masculinização do corpo da mulher esteve presente, já que a prática afetava no seu corpo que tinha como principal função social procriar.

“Nesse sentido, é possível afirmar que a presença da mulher no mundo do esporte representa, ao mesmo tempo, ameaça e complementaridade: ameaça porque chama para si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos e porque põe em perigo algumas características tidas como constitutivas da sua feminilidade. Complementaridade porque parceira do homem em atitudes e hábitos sociais, cujo exercício simboliza um modo moderno e civilizado de ser.” (Goellner, 2005, p. 89)

Portanto, dentro de um contexto histórico de amplo domínio masculino, o gênero emerge como uma interseção crucial, também, na trajetória de mulheres nos esportes.

Até meados do século 19, sobretudo em países com profundas desigualdades sociais como o Brasil, o papel social da mulher restringia-se ao âmbito doméstico e à função biológica de reprodução (Okin, 2008, p. 320), enquanto as ambições pessoais e profissionais eram relegadas a um segundo plano, refletindo a organização social da época, como observado pela filósofa Susan Okin:

“Nós não podemos entender as esferas “públicas” – o estado do mundo do trabalho ou do mercado – sem levar em conta o fato de que são generificadas, o fato de que foram construídas sob a afirmação da superioridade e da dominação masculina e de que elas pressupõem a responsabilidade feminina pela esfera doméstica.” (Okin, 2008, p. 320)

A perspectiva de luta pela igualdade e equanimidade dos direitos e vivências das mulheres na sociedade passa a mudar a partir dos rescaldos que chegavam ao país das narrativas de lutas femininas, tanto de primeira quanto de segunda onda⁶, que emergiram na Europa e Estados Unidos da América do século 20. Inicialmente, as mulheres buscaram

⁵ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 10/06/2024

⁶ A primeira onda (final do século XIX até início do século XX) focou na busca por direitos civis, principalmente o sufrágio, sob o entendimento de que a conquista ao voto dava base para outros progressos. Já o movimento da segunda onda (segunda metade do século XX até a década de 80) concentrou-se em questões como educação, direitos reprodutivos e igualdade no mercado de trabalho.

equivalências legais, como o direito ao voto e à propriedade, que ficou conhecido como movimento sufragista (Barreto Januário, 2016). Depois, lutaram por espaço no mercado de trabalho e pela liberdade reprodutiva.

De forma gradativa, a independência financeira e os métodos contraceptivos permitiram que a maternidade se tornasse uma escolha, não mais uma atribuição intrínseca ao ser mulher. Vale ressaltar, porém, que os movimentos não foram e ainda não são um consenso na sociedade, visto que é pensado sob uma perspectiva branca e hegemônica, nos quais aspectos de interseccionalidade como raça, classe social, orientação sexual e identidade de gênero não eram levados em consideração. Questões que foram colocadas em discussão somente a partir da chamada quarta onda do feminismo a partir da década passada, em que aborda a violência de gênero, o assédio sexual, a equiparação salarial e a representação das mulheres na mídia, através do ativismo digital e culminou em movimentos como o #MeToo⁷.

Paralelamente às movimentações femininas no início do século passado, os esportes puderam passar a ser visto no Brasil “como uma das possibilidades de participação social feminina, já que era considerado de caráter aristocrático, familiar e saudável”, (Goellner, 2005, p. 91), seguindo os passos do velho continente como espelho. Contudo, a introdução da prática encontrou resistências, tendo em vista os costumes e normas moralistas que regiam a sociedade à época:

"O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina" (Goellner, 2005, p. 92).

Segundo a estudiosa, o desenvolvimento e o avanço de esportes femininos “resultam muito mais do esforço individual e de pequenos grupos de mulheres (e também de homens) do que de uma efetiva política nacional de inclusão das mulheres no âmbito do esporte e das atividades de lazer” (Goellner, 2005, p. 97). Além disso, a inserção da mulher no esporte iria contra o que foi socialmente imposto colocando-a como “naturalmente inadequada à esfera pública” (Okin, 2008, p. 307).

⁷ Movimento contra o assédio e a agressão sexual, popularizado por meio de uma Hashtag nas redes sociais e viralmente difundido em 2017.

“A divisão do trabalho entre os sexos tem sido fundamental para essa dicotomia desde seus princípios teóricos. Os homens são vistos como, sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução. As mulheres têm sido vistas como ‘naturalmente’ inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família.” (Okin, 2008, p. 307)

Compreende-se, portanto, como a trajetória das mulheres no esporte é abarcada por preconceitos, exclusão e objetificação. Entre esses dilemas, está a maternidade, objeto central da nossa análise. Com os paralelos entre as abdições, cobranças e as sobrecargas física e mental que tanto atletas e quanto mães vivenciam, encontra-se a complexidade adicional para aquelas que combinam a maternidade com a carreira esportiva. Como abordado Chacel (2024) reflexo das priorizações da vida feminina:

“Servir o outro, ser do outro e para o outro. Ter o corpo vigiado e a beleza questionada. Ser comparada com outras mulheres-mãe, não ser acolhida e ter suas angústias descredibilizadas. Ter a vida doméstica como prioridade e não a sua saúde mental e física. Acordar do sonho romântico de ser mãe e se sentir perdida.” (Chacel, 2024, p. 176)

Mulheres, que já lidam com questões problemáticas como a disparidade salarial e a dupla jornada, quando se tornam mães, passam a enfrentar questionamentos no ambiente de trabalho sobre a capacidade de exercer a profissão e, em muitos casos, são demitidas pouco após o fim da licença-maternidade. Costa et al (2023) e Chacel (2024), inclusive, consideram que a maternidade é um novo ciclo na vida da mulher, no qual influencia a sua identidade, o seu cotidiano e, conseqüentemente, a sua relação com o trabalho. A discussão pode ser ampliada quando Chacel argumenta, a partir da teoria do cativo da maternidade como um espaço de opressão dentro de uma lógica patriarcal e por instituições histórica e culturalmente disciplinadoras de mulheres, que:

“[...] a visão romântica e equivocada da maternidade, do mito do amor materno e do instinto materno, da maternagem como responsabilidade da mulher-mãe afetam diretamente e de forma generalizada, em maior ou em menor grau, as mulheres-mães, independente de raça, condição financeira, letramento, status civil, religião, fama, perspectiva feminista.” (Chacel, 2024, p. 174)

Somado a isso, Elizabeth Badinter vai defender a existência do que ela chama “ O mito do amor materno”, que critica a perspectiva biologizante construída em torno da maternidade na existência de um amor que irá acompanhar a mulher em toda sua existência

e que faria parte da natureza feminina. Excluindo o caráter construído do gênero e dos ditos papéis sociais (Connell; Messerschmidt, 2013).

DaMatta (1982) observa no esporte uma maneira de reconhecer os paradigmas sociais. Nesse sentido, as mulheres que atuam em categorias de alto rendimento também vivenciam dificuldades no ambiente profissional pelas óbvias assimetrias de gênero ainda existentes na sociedade. Com efeito, a partir da maternidade os obstáculos se complexificam. Conforme trataremos ao longo do estudo, muitas relatam o preconceito, a falta de apoio, a insegurança e a dificuldade para voltar a ter oportunidades no mercado. Outras, a fim de evitar os contratempos que rodeiam a maternidade, atrasam o sonho de ser mãe para o fim da carreira. Os dados do relatório de 2017 da FifPRO⁸ (Federação Internacional de Jogadores), que envolveu 3600 atletas, mostram que 47% planejavam encerrar suas carreiras mais cedo para começar uma família, enquanto menos 2% delas tinham filhos. Destas, somente 3% dos clubes promoveram suporte durante a gestação.

De acordo com Costa et al (2023, p. 54), dentro da lógica mercantilizada, a relação do esporte com o trabalho objetifica a atleta e projeta nela um caráter de mercadoria, visto que o desempenho cobra uma boa forma física. Por isso, os autores defendem, no estudo sobre a percepção de mulheres atletas que engravidaram, que “tal lógica oprime a gestação na mulher, por esta ocasionar alterações fisiológicas que podem alterar o desempenho da mulher, ou seja, a produtividade do atleta” (Costa et al., 2023, p. 54). Cabe ressaltar, porém, que a gestação não é a única via a qual a mulher, atleta ou não, pode vir a se tornar mãe. Além da possibilidade da adoção, é importante considerar também o contexto das atletas em relacionamentos homoafetivos, que escapam a heterossexualidade compulsória (Rich, 2010), no qual suas parceiras desempenham a função de gerar, como é o caso da atacante Cristiane, atualmente no Flamengo e grande nome da Seleção Brasileira de Futebol. Assim, cabe reconhecer que, independente da dinâmica, os desafios emocionais e físicos associados à maternidade não são atenuados.

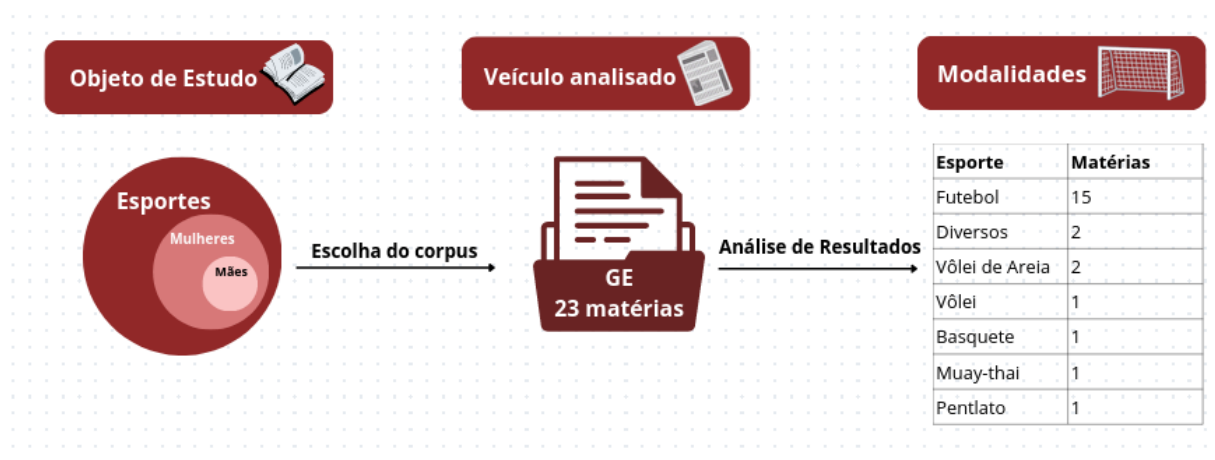
Metodologia

No âmbito metodológico realizaremos um levantamento de dados empírico de cunho quantitativo e qualitativo. Dessa forma, iniciamos mapeando as matérias jornalísticas do

⁸ Disponível em: [2017 FIFPRO Women's Global Employment Report - FIFPRO World Players' Union](#). Acesso em: 13/06/2024

Globo Esporte - GE, principal portal esportivo do país, que pertence ao grupo Globo, que foram publicadas entre os períodos de 2020 e 2024. Na coleta de dados realizamos buscas através das palavras-chave ‘maternidade’, ‘mãe e esporte’ e, por último, ‘mãe e futebol’ – entendendo esse como o principal esporte do país. Por fim, adicionamos o recorte para as atletas brasileiras. Com isso, a coleta totalizou 23 matérias com seis modalidades englobadas, além de matérias que abarcam mais de um dos esportes.

Figura 1- Fluxograma com processos da pesquisa



Fonte: *Elaboração própria*

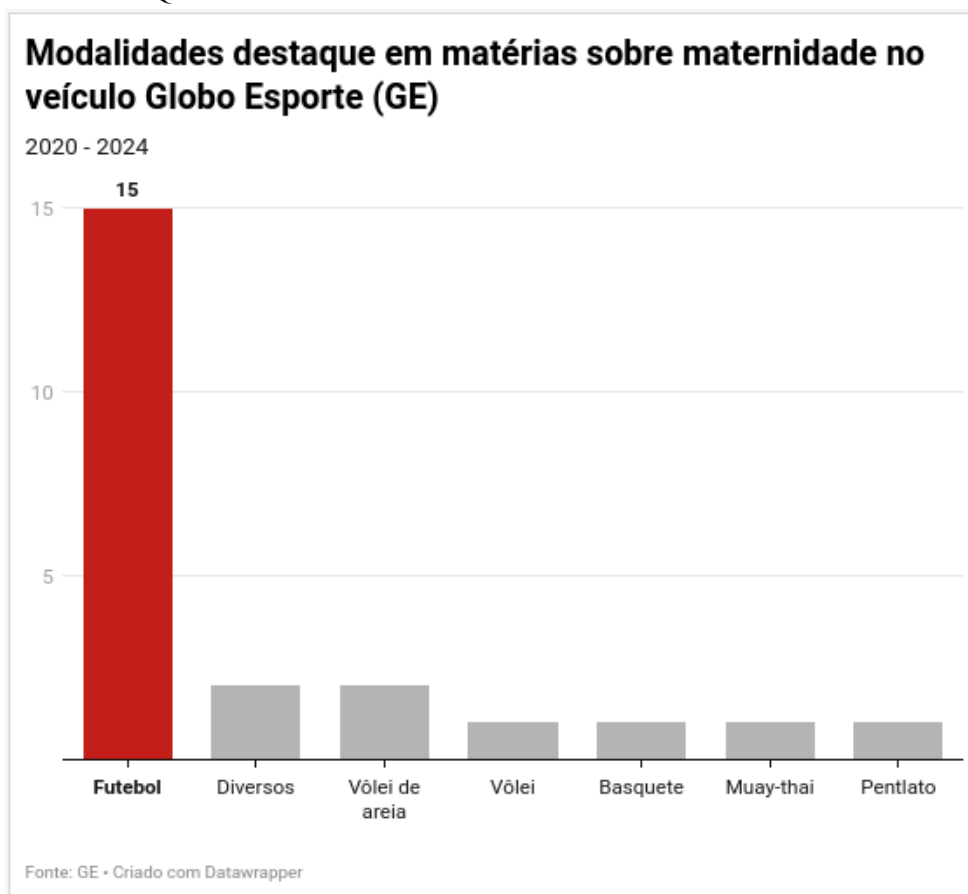
O recorte temporal adotado parte da percepção da ascensão dos debates sobre atletas-mães, especialmente nas Olimpíadas do Japão, em 2021. Além disso, também aconteceram, em diferentes modalidades, mudanças nas medidas de apoio às mulheres que já são ou desejam ser mães. No mesmo ano, a Fifa (Federação Internacional de Futebol Associado), principal entidade do esporte mais popular do mundo, através do Regulamento sobre Estatuto e Transferências de Jogadores (RSTP, em inglês), aprovou a licença-maternidade para jogadoras que atuam em todas os campeonatos filiados, além de estender a decisão para as treinadoras e para mães adotivas e não biológicas. No Brasil, por exemplo, a Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) modificou o regulamento em setembro daquele ano e passou a permitir que as jogadoras de vôlei de areia que voltem a atuar em até 18 meses após o afastamento por maternidade não percam pontos no ranking.

A metodologia escolhida foi a Análise Temática baseada em Boyatzis (1998), a fim de analisar de forma quantitativa e qualitativa os resultados obtidos com a pesquisa. Este

trabalho utiliza como principal representação dos dados as visualizações com a ferramenta *DataWrapper*, e faz uso das práticas difundidas com o jornalismo de dados, área do jornalismo que se debruça em produzir informações mais factuais.

Resultados

Gráfico 1 - Quantidade de matérias sobre maternidade em cada modalidade



Fonte: *Elaboração própria*

A partir dos resultados obtidos, foi constatado que a modalidade futebol se destacou das demais nas matérias analisadas. O esporte bretão foi o foco de 15 matérias e tem uma distância, diga-se, significativa para o segundo lugar. Com duas matérias cada, o vôlei de areia e matérias que englobam mais de um esporte. Por último, as demais modalidades aparecem com apenas uma veiculação (Gráfico 1). Torna-se evidente a predominância do futebol como principal modalidade a ter visibilidade. Tal fato pode ser justificado pela ascensão e visibilidade midiática que o futebol de mulheres obteve nos últimos anos (Barreto Januário, 2023).

Em segunda instância, buscamos identificar com qual incidência as matérias foram produzidas durante o período em análise (Gráfico 2). Curiosamente, o mês de maio, quando é comemorado o Dia das Mães, está presente em três dos quatro anos analisados. O fato é um reflexo de que, apesar da relevância e da maior valorização ao longo dos anos, a pauta vem à tona quando é mais conveniente ao mercado, perfazendo um calendário sazonal regido por motivações neoliberais.

Gráfico 2 - Incidência de matérias sobre maternidade no GE



Fonte: *Elaboração própria*

Em 2021, o maternidade foi retratada a partir da vivência de Gabi Santos⁹, então ala do Campinas; no ano seguinte com a goleira Iza¹⁰, que defendia o ESMAC no Brasileiro

⁹ Disponível em: "[Mãe coragem": ala do Campinas revela desafios para conciliar maternidade e a vida de atleta | basquete | ge](#)". Acesso em: 12/06/2024

¹⁰ Disponível em: "[Dia das Mães: goleira da Esmac conta como concilia o futebol e a maternidade](#)". Acesso em: 12/06/2024

Feminino, e também da meia Suzane Pires¹¹, à época na Ferroviária-SP e atualmente no Santos. As três matérias abordam as dificuldades em conciliar a carreira de atleta de alto rendimento com a maternidade. Por último, em 2024, foram quatro publicações em maio, sendo três efetivamente no dia 12 de maio, dia em que foi comemorado o Dia das Mães: um mapeamento sobre o percentual de mulheres que subiram ao pódio nas Olimpíadas após a maternidade¹² e duas matérias sobre conciliar os papéis profissionais e maternos. A primeira com a volante Isadora Amaral¹³, do Palmeiras, e outra com Larissa e Lili¹⁴, multi campeãs no vôlei de praia e mães de Gael, de quatro anos.

Nesse sentido, é interessante pontuar de que forma a pauta é retratada na mídia. Percebemos que, com frequência, aparecem os dilemas em aliar as duas funções que exigem tanta dedicação, comprometimento e gestão de tempo, que podem perpetuar estereótipos e idealizações sobre a maternidade, especialmente quando se trata de uma cobertura sazonal. O fato também nos sugere uma dinâmica da mulher ainda fortemente atrelada ao papel de cuidadora e da desigual divisão social do trabalho, no qual as assimetrias de gênero no papel de cuidar coloca a mulher no lugar de quem faz sacrifícios, passa privações e sobrecargas para conciliar a vida pública e privada (Okin, 2008).

No período analisado, visualizamos, também, avanços nas medidas de proteção à gravidez e à maternidade para as atletas. De novembro de 2020 até maio de 2024, recorte desta pesquisa, a Fifa havia adotado remuneração obrigatória durante a licença-maternidade de pelo menos 14 semanas; reintegração e suporte médico e físico; proteção contra desvantagens durante a gravidez; presunção de dispensa relacionada à maternidade; e liberação para os clubes registrarem uma atleta para substituir outra atleta em licença-maternidade, mesmo com a janela de transferências fechada. As mudanças no regulamento foram o assunto de quatro matérias no *GE*. Além da proteção dos direitos de atletas enquanto profissionais e mães, as conquistas, ainda que tardias, impulsionam, fortalecem e fomentam a participação feminina no futebol, e devem se estender a outras modalidades. Ainda há um longo caminho a percorrer, mudanças na ampliação nas bases do

¹¹ Disponível em: [Mãe e meia de Portugal: Suzane vira referência ao conciliar maternidade com carreira de atleta | futebol | ge](#). Acesso em: 12/06/2024

¹² Disponível em: [Mães no esporte: entre carreira e filhos, apenas dez brasileiras conquistaram medalhas olímpicas após a maternidade | olimpíadas](#). Acesso em: 13/06/2024

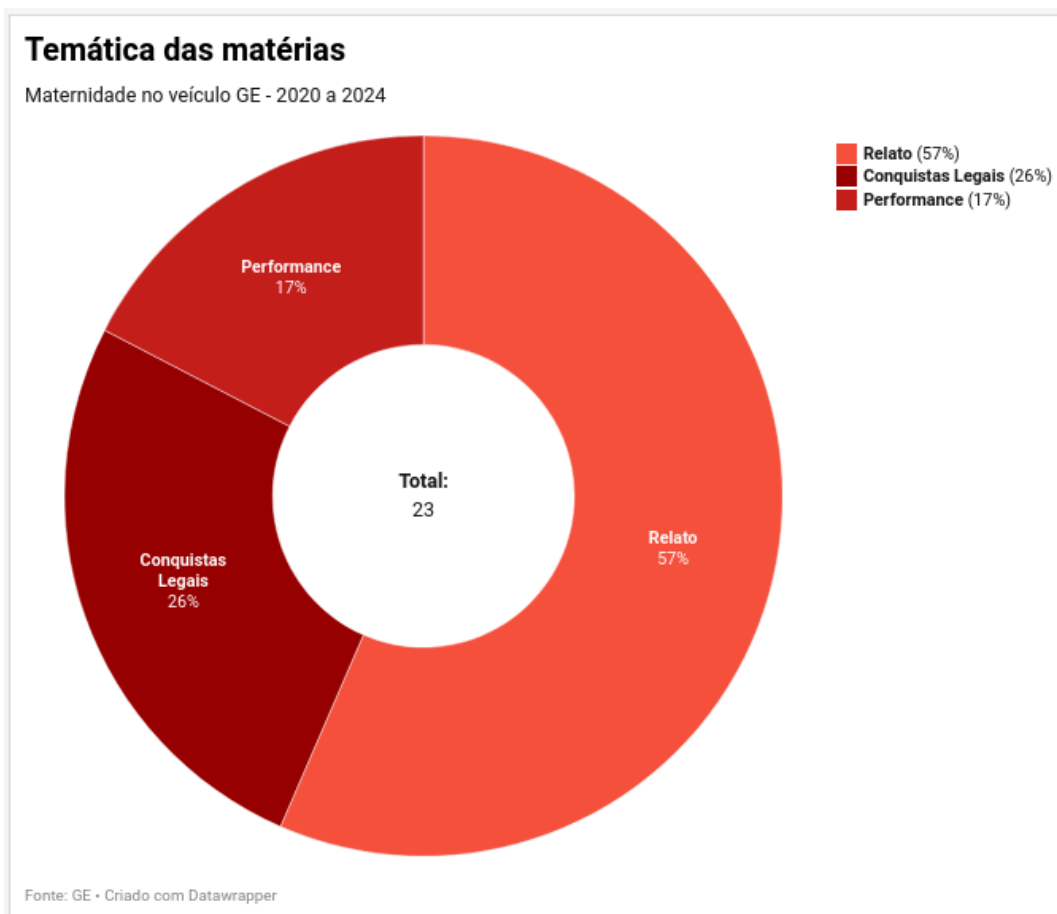
¹³ Disponível em: [Dia das Mães: volante do Palmeiras inspira filho de oito anos em busca do "sonho de jogar futebol"](#). Acesso em: 13/06/2024

¹⁴ Disponível em: [Dia das Mães: Larissa muda vida pelo sonho da maternidade e compartilha planos | ce | ge](#). Acesso em: 13/06/2024

futebol de mulheres, modalidades como o skate e o surf ganhando aderência e relevância nas práticas femininas. Bem como políticas públicas e das entidades esportivas visando atender as mulheres e as mães são pontos de conquistas importantes que precisam ser observados e continuados.

De forma geral, é possível identificar outras temáticas nas matérias estudadas (Gráfico 3), como matérias voltadas para conciliação do esporte com a maternidade e outras voltadas para a performance, principalmente da volta à vida atlética. Entretanto, a maior parte das matérias analisadas, conforme adiantado, foram em tom de relato, a fim de evidenciar as dificuldades enfrentadas para aquelas que escolheram não abrir mão de nenhuma das duas vias: construção de uma família e da vida profissional construída ao longo de toda uma vida.

Gráfico 3 - Temática das matérias



15

Fonte: *Elaboração própria*

¹⁵ Base de dados disponível em: [GE - Maternidade & Esporte](#)

Conclusão

Em suma, a partir da pesquisa realizada, buscamos ampliar a discussão sobre as interseções entre gênero, esporte e sociedade. Através da narrativa de atletas-mães, o estudo lança luz sobre questões de equanimidade e, sobretudo, conquista de direitos femininos que permitam o ingresso e a manutenção das mulheres nas diversas modalidades esportivas, e também a vivência de seus planos pessoais. Assim como Costa et al descrevem, é necessário dar as condições necessárias para aquelas que decidem combinar as carreiras no esporte com a maternidade:

“Asseguradas pelas leis, pela rede de apoio familiar e nas equipes em que atuam, conseguem transgredir as dificuldades e passar por essa fase com resiliência e permanecerem na carreira, tendo o filho até mesmo como um fator de incentivo” (Costa et al, 2023, p. 55).

Visualizamos, ainda, como a pauta é escassa na mídia brasileira. Mesmo no amplo recorte dos anos 2020 a 2024, o volume de matérias foi de apenas 23. Bem como, além de rara, a temática é colocada em discussão quando é oportuno e tratada somente como “gancho” para o Dia das Mães, no mês de maio, numa clara aceção às práticas neoliberais voltadas aos calendários festivos do capitalismo.

As modalidades apresentadas nas matérias foram: futebol, vôlei de areia, vôlei, basquete, muay-thai e pentatlo. Nota-se como muitos outros esportes, também praticados por mulheres-mães e também populares no Brasil, não são colocados em debate. Consequentemente, aponta que a discussão sobre atletas-mães no país ainda é incipiente, e retratada em maior parte em tom de relato, evidenciando o lado materno como característico da mulher e sua profissional em segundo.

Apesar da maior valorização ao longo dos últimos anos, fruto de tantas outras discussões sobre inclusão e equidade em paralelo, em termos de futuro, apontamos que é necessário aprofundar esses debates e adensar as análises para os discursos e narrativas evidenciados nestas matérias.

REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **O mito do amor materno**: Um amor conquistado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BOYATZIS, R. E. **Transforming qualitative information**: thematic analysis and code development. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

CHACEL, M. C. da C. **Cativeiro da maternidade: dispositivo e pedagogia da mulher-mãe: reflexões iniciais.** Revista Mosaico - Revista de História, Goiânia, Brasil, v. 16, n. 4, p. 173–189, 2024.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica:** repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.

COSTA, M. A. R. et al. **Percepção de mulheres atletas que vivenciaram a gestação.** A pesquisa em saúde desafios atuais e perspectivas futuras, cap.5, p. 46-57. Atena Editora, 2023.

DAMATTA, R. (org). Universo do Futebol: **Esporte e Sociedade Brasileira.** Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

GOELLNER, S. V. **Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história.** Pensar a Prática, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85–100, 2006.

JANUÁRIO, S. B. **Copa do Mundo e Futebol das Mulheres:** a cobertura midiática nas edições de 2015 e 2019, numa perspectiva de gênero. Revista Mosaico, v. 14, n. 1, p. 02-13, 2023.

JANUÁRIO, S. B. **Masculinidades em (re) construção:** Gênero, Corpo e Publicidade. Covilhã: LabCom. IFP, 2016.

OKIN, M. S. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(2): 305-332, maio-agosto/2008.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Bagoas - **Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012.

VIMIEIRO, A. et al. **É mais que preconceito!** Dimensões da opressão de gênero no esporte a partir da análise do Podcast das Marias. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, virtual. Anais... São Paulo: Intercom. 2020. p. 1-15.